

Pelas DIRETAS

INOVAÇÃO

ÓRGÃO DO MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO

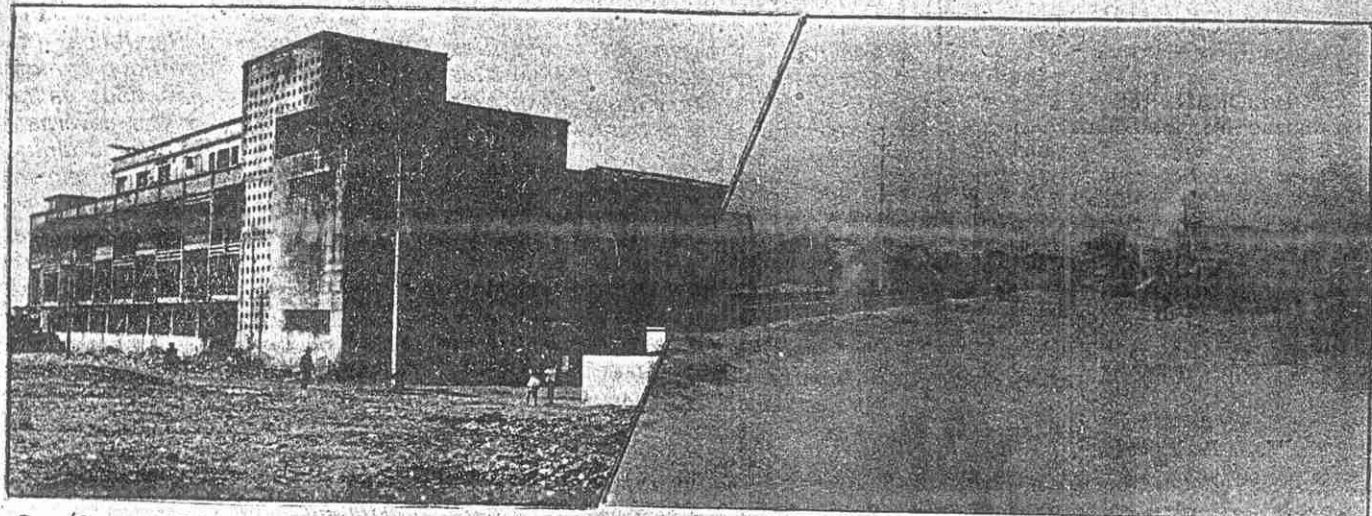
PREÇO: Cr\$ 150,00

ANO 7

PARNAÍBA, 31 DE JANEIRO DE 1984

Nº 47

MARGINALIZAÇÃO AUMENTA EM PARNAÍBA



O prédio da Alfândega e a Quarenta, são imagens concretas de um sistema decadente e marginalizador. Tais imagens têm muita ligação com a fome, a doença e a prostituição. O trabalho da página 6 dá ao prezado leitor, a verdadeira dimensão de pessoas sem perspectivas, sem qualquer esperança. Pela primeira vez na história do jornalismo parnaibano uma prostituta tem vez e voz.

Política

O Secretário de Planejamento não consultou ninguém sobre a política salarial.

Página 7



Inovação em off-set

Através do Inovação, Parnaíba recebe o seu primeiro jornal em off-set. O fato dá-se quando o jornal Inovação entra em seu sétimo ano de existência e o aniversariante presenteia Parnaíba com uma prova de evolução, de visão e de progresso.

PÁGINA 7

SILVADA

Sem ser em função de nenhum fato extraordinário, o falido (ou falecido?) ex-jornal(eco) Folha do Litoral circulou em edição "extraordinária", com a finalidade de fazer o elogio da administração Dr. João Silva Filho. Como o Folha (seca) do Litoral é sua propriedade, é o Caso de se perguntar: o prefeito entrou nessa de se auto-elogiar? O auto-elogio além de nada significar, é sinal de falta de modéstia.

Cidade sem memória

Mas enquanto existir a esperança, a arte existirá, e, enquanto esta existir, existirá aquela, porque o artista será sempre um sonhador, um Quixote sonhador.

Página 4

PARAÍBA DEMITE



Momento da bênção da nova loja oficiada por Dom Edvaldo Gonçalves do Amaral, Bispo local.

Inaugurado em agosto do ano passado, o Armazém Parnaíba, empresa do Grupo João Claudino, vem se destacando no comércio local, em desmissões e exploração da classe trabalhadora.

Cerca de 13 empregados já foram demitidos no período de menos de seis meses.

EXPEDIENTE

INOVAÇÃO
Um jornal sem cronista social

DIRETOR-RESPONSÁVEL
Reginaldo Costa

EDITORIA
Equipe Inovação

ARTE
Francélio Hardi
Flamarion Mesquita

ILUSTRAÇÃO
Antonio José Matos

COLABORADORES
Karleno Márcio, Sólina Genuína, Fernando Holanda, Da Guia Marques, Horlando Araújo, João Batista Teles, José Fideles, Murilo Castro, Wilton Porto, Cândido Athayde, Juarez Júnior, Franzé Ribeiro, José Meireles Pinto, Cândida Sampaio, Mércia Siqueira, Rogério Magno, Diderot Mavignier.

CORRESPONDENTES:
TERESINA
José Elmar de Melo Carvalho
Ana Maria Rodrigues

BRASÍLIA
José Porfírio de Carvalho
Jonas de Carvalho Filho

FORTALEZA
Fátima Régia R. Araújo
Heloísa Gurgel

TIRAGEM
1.000 exemplares

CARTAS
Caixa Postal 156
64.200 - Parnaíba, PI

CGC
06.859.607/0001-08
INSCRIÇÃO ESTADUAL
19 077587 4

As matérias assinadas não representam, necessariamente, a opinião do jornal

EDITORIAL

CALÍGULA HOJE

Neste começo de ano fala-se muito no livro 1984, de George Orwell, cuja história torna-se uma profecia apocalíptica, onde a liberdade individual é sufocada por tiranos e seus métodos de controles invisíveis.

Mas como dizia Ezra Pound "o escritor é a antena da raça". Eles são os únicos que, através de suas obras, têm a capacidade de prever e alertar o homem para um mundo sombrio.

A pouco tempo a Editora Abril, através da série "Os Grandes Sucessos", lançou nas bancas de jornais de todo país, a obra de Robert Graves intitulada "Eu, Claudius, Imperador". Graves — um dos maiores escritores da literatura contemporânea inglesa — escreveu este romance histórico com um realismo arrebatador em que seus personagens, embora vividos na Roma Imperial, são retratados de uma maneira clara e comovente, e para nosso horror, estão mais vivos que nunca.

Não devemos comparar a obra de Orwell com a de Graves, já que a deste último não é uma previsão e sim uma amostra de que, desde os tempos remotos, os poderosos sempre estiveram ligados com o jogo do poder.

O enredo de "Eu, Claudius, Imperador" gira em torno da Roma Antiga onde a sede do poder, o ódio, a ambição e o egoísmo fazem-nos lembrar o nosso país e os acontecimentos que marcam um começo de ano mais crítico. Graves escreveu o cotidiano intrigante vivido por Cláudio (10 a.C. — 54 d.C.) — que se tornará Impe-

rador de Roma —; isso serve de pretexto para mostrar que o mundo atual não mudou em relação ao mundo antigo dos grandes impérios, onde a violência e a ganância pelo poder estão mais presentes do que nunca.

Assim como os imperadores romanos temiam a República — já que queriam um eterno perpetuamento do poder nas mãos da família César — os nossos governantes levam em frente uma ditadura através da qual os militares teimam em reinar em Brasília e onde repugnam as tão esperadas eleições diretas, como o diabo teme da cruz.

Na grandiosa Roma Antiga, aquela minoria privilegiada tinha o direito de fazer o que bem entendia e não lhes acontecia nada. Olhemos no Brasil os inúmeros casos de abuso de poder, e corrupção que permanecem impunes, tais como: Riocentro, Capemi, Coroa Brastel, etc.

Vale a pena ler Graves e conferir ou comparar com a atual conjuntura nacional. Calígula e suas loucuras lembra certo general com seu abuso de autoridade ao agredir repórter. É uma pena que ao chegar ao final do livro o leitor conclua que o povo romano era tão aiucinado quanto o povo brasileiro hoje. Apoiavam todos os passos errados do regime e como consolo pela opressão e miséria em que viviam, se inebriavam nas arenas de execuções e de lutas gladiatórias, tal como fazem os brasileiros apaixonados por novelas MADE IN GLOBO ou dentro de um estádio de futebol.

PALAVRA DO LEITOR

ENTREVISTA

Parabéns ao grupo de jovens inteligências que realizam o jornal, objetivo, sincero, bem feito. Meus melhores aplausos, pois, gostei muito da entrevista de Cândido Athayde, médico de renome, ilustre cidadão e intelectual de valor.

Armathéa Tito Filho
Academia Cearense de Letras
Teresina-PI

OFF-SET

O novo Inovação está de roupa nova mais traz os mesmos traços: autenticidade e compromisso com o povo.

Tadeu Queiroz
Teresina-PI

Tive a grata surpresa de constatar a evolução de vocês também no campo gráfico. Parnaíba e o Piauí estão de parabéns. Disponham de qualquer ajuda.

Emerson Araújo
Teresina-PI

Tive o prazer de receber através do Meireles o maravilhoso jornal Inovação. Vejo que a turma é bastante autêntica, verdadeira e justa.

Betinha Vasconcellos
Sobral-CE

A diagramação do Inovação está boa, o formato de fácil manuseio e as matérias interessantes. Parabéns mesmo. Estou enviando uma matéria sobre eleições.

José Porfírio Carvalho
Correspondente do Inovação
Brasília-DF

CASO DA GUIA

O seminarista José da Guia é dos parnaibanos mais comprometidos com os oprimidos e com a igreja. Está no Seminário não para satisfazer um desejo interior, acredita fazer benefícios ao próximo. O bispo de Parnaíba não quer aceitar as idéias sublimes desse jovem por ele seguir a Cartilha de Cristo e não a Cartilha do Bispo. Achamos que está na hora de deixarmos de elitismo.

Wilton Porto
Parnaíba-PI

Quero parabenizar todos os responsáveis pelo INOVAÇÃO, jornal que venho acompanhando já algum tempo.

Lea Alves Pereira
São Paulo-SP

ENTREVISTA

FRANCISCO JOSÉ MARTINS JURITY

Por Reginaldo Costa



INOVAÇÃO — A cada legislatura os vereadores passam pela vida política da cidade como ilustres desconhecidos. Sua atuação tem sido nessa direção?

JURITY — Meu comportamento independe de subserviência a caciques políticos. O que mais debato no Legislativo é que o vereador se dê o respeito, se posicione e reivindique em nome do povo.

INOVAÇÃO — Você se referiu a subserviência. Há submissão dos vereadores em relação ao Poder Executivo?

JURITY — Muitos vereadores não estão exercendo sua função de legislador. A prestação de contas por exemplo, são poucos os vereadores que procuram examinar. Muitos pensam que a simples verificação vá ferir o Executivo. Mas estão deixando de exercer o direito que a comunidade lhes deu.

INOVAÇÃO — Isto seria incompetência ou apenas subserviência?

JURITY — A incompetência dos vereadores não serei eu capacitado a julgar. O julgamento deve partir da comunidade.

INOVAÇÃO — Mas a comunidade está desinteressada pela política.

JURITY — A menor culpa é do povo. A maior fica por conta do sistema que nós temos.

INOVAÇÃO — Embora líder do Executivo e de seu partido você não desfruta de bom relacionamento no âmbito da administração municipal. Essa discriminação teve origem a partir de qual momento?

JURITY — Acredito que seja em função da minha forma de agir. Acho que seja por isso.

INOVAÇÃO — A nomeação excessiva de familiares do prefeito é compatível com o programa do PMDB? Você vê seriedade nisso?

JURITY — A própria comunidade julga. Sinceramente, não concordo com tais nomeações.

INOVAÇÃO — No caso do Teatro houve uma solicitação de sua autoria reivindicando sua construção no antigo Mercado de Frutas. Aprovado por unanimidade pela Câmara de Vereadores, a idéia não teve respaldo do prefeito. Esta atitude não foi estritamente

familiar, pessoal?

JURITY — A reivindicação foi feita em nome dos grupos teatrais. Acontece que não fomos entendidos. Nem a própria comunidade foi entendida! Justificaram para algum grupo de Teatro que havia um projeto para o Porto das Barcas mas este projeto é muito mirabolante. O posicionamento do prefeito foi um não ao vereador. Ele discordou da própria comunidade! Ele poderia ter cativado a amizade de muitas pessoas, principalmente, dos jovens que vêm sendo marginalizados. Seria um tento.

INOVAÇÃO — E aquela história da creche? O povo foi respeitado? Houve seriedade no encaminhamento do projeto para aprovação da Câmara?

JURITY — Votei contra a compra do imóvel porque não correspondia às necessidades básicas para o funcionamento de uma creche. Embora com a função de líder do governo não aprovei esse projeto. Fui contra a maneira como as crianças foram usadas. Em nome delas se concedeu um imóvel que não está condizente com a realidade de uma creche. Não há espaço para isso. A prefeitura possui terrenos onde poderia, a custos reduzidos, construir uma creche dentro das exigências legais.

INOVAÇÃO — Com toda essa desonestidade e esse desrespeito ao povo — e com aval dos vereadores — você vê seriedade na administração?

JURITY — O que houve — segundo o próprio prefeito — foi a intenção de colocar uma creche em funcionamento.

INOVAÇÃO — 26 senadores assinaram documento se comprometendo com eleições indiretas. Dependendo dos atuais políticos brasileiros teremos eleições diretas?

JURITY — Sou veementemente a favor das eleições diretas. Aqueles políticos que estão ali por jogadas, patrocinados pelo próprio sistema, eles não querem eleições diretas.

INOVAÇÃO — Dentro do PMDB você soma com qual corrente: liberal, autêntico, radical...

JURITY — Me considero integrado en-

tre os autênticos.

INOVAÇÃO — E como autêntico que você se considera qual sua análise acerca do Secretário Geral de seu partido ser um biônico?

JURITY — Ora, dentro de qualquer partido há as articulações e cada facção impõe o nome de seu candidato para ser colocado na direção nacional partidária. E o caso do Governador Tancredo Neves. Ele é um conservador que tem os seus liderados que se impõe por força de uma liderança. Estes acordos são internos, caseiros.

INOVAÇÃO — Hoje a oposição teria capacidade para destronar os militares da mesma forma que o Presidente Alfonsim está fazendo na Argentina?

JURITY — Acredito que as oposições têm condições de tirar o Brasil do estado de miséria em que se encontra.

INOVAÇÃO — A conscientização política do povo não seria uma grande contribuição nessa luta contra a miséria absoluta, a fome e o desemprego?

JURITY — Seria, a partir do momento que houvesse uma mobilização do partido, no Piauí, para que fizéssemos um trabalho organizado.

INOVAÇÃO — Mas há uma insatisfação muito grande dentro do PMDB piauiense. Nessa conjuntura, você estaria de qual lado?

JURITY — Eu estaria ao lado de Chagas Rodrigues.

INOVAÇÃO — Em Parnaíba há uma insatisfação, também, acentuada. Haverá sublegenda nas próximas eleições?

JURITY — A divergência está patenteada. Isto desgasta o partido. Os fatos atuais levam-nos a crer em sublegenda.

INOVAÇÃO — Mais de 80 por cento dos professores da rede oficial recebem, atualmente, menos de um salário mínimo regional. Como professor ocupando cargo eletivo já fez algum pronunciamento sobre essa situação?

JURITY — Não só me posicionei através de pronunciamentos como fui a praça pública denunciar.

INOVAÇÃO — Na esfera municipal as professoras estão recebendo 25 mil mensais.

JURITY — Discuti isso com o prefeito e com o secretário de planejamento. Fiz inclusive, algumas observações sobre o autoritarismo do secretário de planejamento da prefeitura. Ele fez toda a política salarial sem consultar ninguém! Ele não consultou nenhum secretário! Nenhum vereador!

INOVAÇÃO — Como opositorista, como enquadraria o atual governador do Estado?

JURITY — A diferença entre Hugo Napoleão e Lucídio Portela é que um era gago e o outro tem o domínio da palavra. O governo atual representa a continuidade oligárquica. Ele está sem rumo, sem direção.

PALÁCIO DOS MÓVEIS

J. Siqueira e Cia. Ltda

ELETRDOMESTICO
MATERIAL PARA ESCRITÓRIO
QUARTOS INFANTIS
ESTOFADOS
ESTANTES
BICICLETAS
MÓVEIS
LOGÓES



PINTURA

ACRILEX



RUA 19 DE OUTUBRO 581

O C A

MATERIAL PARA
CONSTRUÇÃO E
PESCA. ADQUIRIMOS
DIRETAMENTE
DOS FABRICANTES
O.C. Azevedo & Cia. Ltda.
Rua Prof. Darcy Araújo - 811
Parnaíba - Piauí

Parnaíba, cidade sem memória

Por Elmar Carvalho

Não ter memória não é um 'privilegio' exclusivo de Parnaíba. Outras cidades sofrem também do mesmo mal. Mas é sabido e repetido que um erro não conserta o outro. Da mesma forma, não nos devemos mirar nos defeitos dos outros para justificarmos nossas falhas; devemos observar os pontos positivos dos outros, para aperfeiçoarmos os nossos.

Dito isto, entrarei no mérito (ou demérito?) da questão. Ora, quanto mais um povo preserva e cultua sua cultura, mais este povo é desenvolvido. Triste de uma população que necessita macaquear-se com modismos importados, ou que tem vergonha de seu acervo cultural, ou que lhe tem menosprezo.

No caso específico de Parnaíba, a culpa não é de seus habitantes, pessoas boas, inteligentes e sensíveis. Eu diria que os culpados de sua falta de memória são os seus dirigentes, que nunca deram importância às artes plásticas, ao folclore, à literatura, etc.

O artesanato é uma excelente atividade comercial com a conseqüente exploração dos artesãos (inconscientes de sua importância e de que estão sendo furtados). A música e o teatro só existem graças aos esforços homéricos e heróicos dos abnegados (negados e renegados pelo poder) artistas.

Mesmo a História de Parnaíba é relegada ao esquecimento, por falta de apoio dos dirigentes e da falta de incentivos para pesquisas e monografias, atualizadas historicamente. São exceções os figurões históricos (e folclóricos?), ainda assim em versões fomecidas pela história oficial. O homem do povo não aparece nessa história, a não ser como figurante e fantoche controlado pelos "grandes vultos". A história precisa ser reescrita, com a presença, também, de pobres ocupando lugar de relevo.

No caso específico da literatura é uma calamidade. Os poetas e escritores do passado hoje são uns ilustres desconhecidos, porque suas obras nunca foram reeditadas, se é que já foram editadas. A juventude, os atuais escritores e o povo não tomam conhecimento de suas produções, nem de suas biografias. Os beletristas atuais não encontram oportunidade de publicação, e assim nada legarão para as gerações futuras. Com relação a Parnaíba, uma antologia com síntese biográfica e fotografia (se possível) do autor resolveria parcialmente o problema. Essa antologia poderia comportar, inclusive, autores vivos. Os autores atuais deverão denunciar esse estado de coisas, pois eles próprios são vítimas.

Ao invés de se preocuparem apenas com obras de fachadas, com elefantes-brancos, por que os administradores públicos não se preocupam também com a cultura? Por que não resgatam o passado de tantos artistas e de tantas obras esquecidas? Por que não dão oportunidades aos intelectuais e artistas contemporâneos?

Porque, para eles, a cultura é supérflua. Porque a cultura não dá chance para as mamatas dos recibos frios, das comissões dos 10%, etc.

Mas enquanto existir a esperança, a arte existirá, e, enquanto esta existir, existirá aquela, porque o artista será sempre um sonhador, um Quixote sonhador.

INFERNO NO CÉU — UM GRITO DE CONTRA-CULTURA

Por Danilo de M. Souza

Dois shows musicais produzidos por garotos em menos de uma semana, confirmaram a potencialidade artística e orientativa da juventude parnaibana. Primeiro foi "Retratagens", do conhecido Grupo Musical Cachoeira, reunindo um público razoável no CENTRO CULTURAL DE PARNAÍBA. Mesmo sem aquela garra característica do "Cachoeira", o show deu para marcar.

Depois foi a vez do espetáculo musical da Banda "Inferno no Céu", (ex-Raio do Sol), com a participação de duas Bandas desconhecidas do público parnaibano. A apresentação do show, também no Centro Cultural, deixou bem clara a intenção dos garotos: provocar um terremoto cultural e provocaram; queriam falar ao público como fazem na intimidade, e falaram.

A maior parte do público que compareceu ao show, assistiu com ansiedade, a apresentação raivosa e metálica do "Inferno no Céu", que esbanjou energia com suas guitarras distorcidas.

Com a pauleira pesada do "Inferno no Céu" e muitos gelos secos jogados durante a apresentação, apareceu um grupo de Folk Metalwave, os "Condutores de Cadáveres", sob o comando de Nyx Rotten, que fez o público se agitar naquela maçaroca blindada de contra-vaixo e guitarra distorcida. Engraçado mesmo foi a participação do vocalista dos "Condutores", que parecia mais interessado em fazer piruetas do que propriamente cantar. Apesar da agressividade, a banda convenceu.

As letras das canções apresentadas tinham sempre uma provocação de contra-cultura, conteúdos sociais, políticos e filosóficos. Baseando-se nisso, outro grupo desconhecido, chamado "Garotos da Estrada", apresentou músicas Folk (de protesto), com um fraco violão, um fundo baixo de bateria e a voz trêmula do vocalista — uma espécie de Bob Dylan e Art Garfunkel à lá Tropicália. Mas, ao final, convenceu e recebeu seus aplausos. A bem da verdade, depois de toda aquela agitação era preciso alguém que acalmasse o ambiente, e os "Garotos" se encarregaram disso.

Ao final do espetáculo, enquanto a moçada do "Inferno no Céu" mandava brasa em acordes e vozes, a platéia se ouriçava, e um nome improvisado no fundo do palco começava a pegar fogo. Tratava-se do INFERNO NO CÉU, que deu ao espetáculo uma dimensão toda especial.

É muito importante, daqui pra frente, um apoio maior dos parnaibanos para com nossa juventude pois tem muita gente interessada em mudar alguma coisa.

Muito inovador e culto, os dois espetáculos valeram!

A MEDICINA EM PARNAÍBA ATRAVÉS DOS TEMPOS última parte

Por Cândido de Almeida Athayde

Já em 1930 quando o número de profissionais alcançava a faixa de 10, foi fundada a primeira associação profissional com o objetivo de não só estabelecer e cultivar o conagração em os profissionais como para servir de palco a debates e estudos ao âmbito universalista da profissão com predominância daqueles temas que visassem de perto as condições nosológicas da região.

Essa Associação se chamou ASSOCIAÇÃO PARNAIBANA DE MEDICINA, a qual alguns anos depois, teve como subsidiária a ASSOCIAÇÃO PARNAIBANA DE COMBATE AO CÂNCER. A preferência de combater o Câncer ocorreu em consequência de pressão oriunda do movimento mundial que se enfatizava para combater essa afecção.

Por mais esforços fossem feitos, com a vigência da ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE MEDICINA, sediada em Teresina, e com Regional em Parnaíba, essas associações nativas com o correr do tempo feneceram.

O quadro médico hospitalar de nossos dias é outro daquele pioneiro que viu passar através dos tempos, uma revolução nos costumes, nas técnicas, nos equipamentos e enfim, democratizando a profissão, tirando-se o tradicional saber cultural e artístico da velha e nunca muito decantada medicina francesa.



Caixa Forte

a sua caderneta de poupança
agora tem renda mensal

BRAHMA

Sem BRAHMA não dá...

ONDE GUARDAR OS CAVALOS?

Por José Porfírio F. de Carvalho

BRASÍLIA (Especial para o Inovação) — O General Figueiredo na véspera do fim do ano, falando à Nação através de uma rede nacional de rádio e televisão, "devolveu" ao PDS a coordenação do processo de escolha do futuro Presidente da República.

A inesperada decisão de Figueiredo, deixou os cardeais da política brasileira sem entender nada. Interpretadores dos pronunciamentos de Figueiredo foram convocados, com urgência, para traduzirem o discurso. Os discursos de Figueiredo criaram uma nova profissão neste país: os interpretadores de discursos — pois, literalmente, é tão absurdo o que ele fala, que ninguém entende nada. Em viagem pela África, disse sem mais palavras, que era a favor das eleições diretas e quem não as queria era o PDS. Surgiram interpretadores com as mais contraditórias e absurdas interpretações. O próprio Figueiredo interpretou suas próprias palavras, mais tarde, negando tudo que dissera com relação às eleições diretas.

Depois de muito estudo os "interpretadores" chegaram a várias conclusões sobre o que quis dizer Figueiredo:

— Ele prestigiou o partido: interpretador do PDS e muito otimista;

— É a consolidação da abertura: interpretador sonhador e puxa-saco;

— O culpado foi o Maluf: interpretador Andreazzista. (E tem isto?);

— Foi porque ele não conseguiu impor a candidatura Andreazza: interpretador Malufista;

— Chegou a hora das eleições diretas: interpretador opositorista.

Realmente, interpretar decisões e discursos de Figueiredo sob a ótica do bom senso e da



lógica política é muito difícil. É a chamada tarefa impossível principalmente analisar a sua opinião sobre sucessão presidencial

O candidato preferido de Figueiredo, na verdade não é Andreazza, Maluf, Aureliano, Marco Maciel... é ele mesmo que quer se "reeleger" a todo custo. E se ele permanecesse coordenando a sucessão, ficaria muito difícil escolher a si mesmo.

Interpretadores avulsos e loucos para ver o Figueiredo pelas costas, dirão: isto não é verdade, o Presidente quer é entregar o cargo o mais rápido possível, pois hoje é um homem doente, safenado, cansado e de saco cheio com tudo isto, inclusive quase já não trabalha. Comparece no seu gabinete apenas 3 horas por dia. (Comenta-se, inclusive, a boca pequena aqui em Brasília que Figueiredo ao saber que estava sendo criticado por trabalhar e desparar apenas 3 horas por dia, teria dito: — "O que eles querem? Que eu governe com o BUMBUM?", referindo-se às horas que passa sentado na cadeira presidencial).

A lógica diria que esse homem não pode mais pensar em prorrogação de mandato.

Eganço de todos os interpre-

tadores! No poder propriamente dito, Figueiredo não quer continuar, pois há muito apeou-se. A vontade e o desejo de continuar ocupando o cargo de Presidente, não é por vaidade nem por sede de poder aliás, segundo Golberj, ele não tem gosto pelo poder. É por outro motivo. Figueiredo há mais de 15 anos ocupa em Brasília, a Granja do Torto, residência oficial de altas autoridades, hoje residência oficial do governo.

Entre estes confortos, Figueiredo, às custas do erário público, mandou construir várias cochieras, campo de equitação e bonitos pastos que são ocupados pela sua coleção de cavalos de raça e por Figueiredo nas suas cavalgadas.

Saindo da Presidência Figueiredo terá que sair da Granja do Torto, entregando conseqüentemente toda mordomia ao substituto. E com ele, logicamente, sairão os cavalos. Se o PDS consultasse o cavaleiro de Figueiredo teria matado a CHARADA.

Figueiredo apoiará o candidato do PDS que lhe prometer deixá-lo morando — ele e seus cavalos — na Granja do Torto, porque se ele for obrigado a sair — o que fatalmente um dia vai acontecer — ONDE GUARDAR OS CAVALOS?...

FRANCISCO DE ASSIS CAJUBÁ DE BRITO & CIA. LTDA.

FARMÁCIA IRACEMA

MATRIZ:
Praça Coronel Jonas, 871
Tel.: 322-1862

FILIAL I

Rua Humberto de Campos, 442
Tel.: 322-1863

FILIAL II

Rua Dr. Francisco Correia, 684
Tel.: 322-1689

FILIAL III

Rua Almirante Gervásio Sampaio, 827
Tel.: 322.

FILIAL IV

Avenida Princesa Isabel, 1050
Tel.: 322.1844

DEPÓSITO DE MADEIRA

Tábuas de andiroba — Portas lisas e almofadadas
— Compensados — Madeirite
Rua Cel. José Narciso, 1208 - matriz
tel.: 322-1854

Av. Princesa Isabel, 1050 - A (FILIAL)
Tel.: 322-1844
Bairro São Francisco

Vende-se pelo menor preço da cidade

A SOBREVIVÊNCIA DE UMA PROSTITUTA

ENTREVISTA: Regina Maria Carvalho Costa

Parnaíba é um reflexo em menor escala do Brasil como um todo. Existe uma parcela mínima da população que se locupleta em todos os níveis, em detrimento da grande maioria da população, que está a cada dia empobrecendo mais. A cada dia que passa, aumenta o número de pessoas que sobrevivem através do subemprego, e aumenta também, o número de pessoas que ingressam na marginalidade, ingresso esse que se dá através de várias causas, sendo que o grande culpado desse crescente número de marginais é a nossa política econômica, que poda de sonhos materialistas a todos, mas que, na realidade, só permite a poucos possuírem os bens que ela própria defende, isso sem contar os que ingressam na marginalidade apenas porque não possuem outro meio de sobrevivência.

É com grande preocupação que notamos o ingresso cada vez maior, de jovens na marginalidade, muitos menores de idade. Foi com essa preocupação que entrevistamos uma jovem que vive da prostituição. É uma jovem comum como as outras, diferindo que é prostituta, e que, aos 17 anos, não tem mais nenhuma perspectiva de vida. A escolha recaiu sobre ela porque além de ser menor, é uma pessoa com uma sensibilidade muito aflorada.

A entrevista foi concedida a Reginaldo Costa, Wilton Porto e Jonas Carvalho — nosso correspondente em Brasília, de férias em Parnaíba.

Jonas — Começemos com sua identificação.

Regina — Meu nome completo, né? Regina Maria Carvalho Costa, tenho 17 anos, nasci em Parnaíba.

Jonas — E sua infância, como foi?

Regina — Foi legal demais. Ainda hoje quando penso me dá vontade de voltar.

Jonas — Você tem religião?

Regina — Sou católica, só que não vou à missa todos os domingos.

Reginaldo — O que é prostituição pra você?

Regina — Ah! Você sabe o que é...

Reginaldo — Você acha que toda mulher não-virgem seja prostituta?

Regina — Não.

Reginaldo — Que você acha da mulher virgem?

Regina — Eu sinto muita inveja. Quando eu era virgem... sei lá! Era tão bom! E a gente que não é mais virgem, passa nas ruas e só encontra home pra humilhar.

Jonas — O que você faz na vida?

Regina — Tá difícil de falar. No momento acho que não faço nada.

Jonas — Você mora onde?

Regina — Moro em "Ambiente". Quando eu entrei na vida mesmo, assim... pra morar em Ambiente, tinha 14 anos.

Reginaldo — Fala do teu dia-a-dia lá no Ambiente...

Regina — Eu acordo na hora que quero, almoço, janto... Lá tem tudo, mas a gente tem que pagar mil cruzeiros por dia.

Reginaldo — Você fica desesperada quando não tem dinheiro pra pagar a diária?

Regina — Eu sei que ela (a dona) não vai perturbar a gente em nada. Estou até devendo um dinheiro lá, mas vou pagar.

Wilton — Existe uma competição entre vocês pra pegar um homem primeiro?

Regina — Ah! eu não sei, não. Entre mim não existe isso.

Wilton — A dona do Ambiente trata vocês bem?

Regina — É legal. Comparo ela como se fosse uma mãe pra mim.

Reginaldo — Você acha certo pagar 700 cruzeiros pra Madame por cada vez que utiliza o quarto?

Regina — Bem... por uma parte eu acho certo, porque quando a gente não tem dinheiro pra pagar a diária, ela sempre banca legal.

Wilton — E em relação as outras meninas que moram lá: como é o relacionamento entre vocês?

Regina — As vezes chega uma pessoa perguntando por mim... Tem umas dez lá. Elas dizem que estou doente e nem estou. Dizem as vezes que estou assistindo televisão e nem estou.

Reginaldo — Essa decisão de você entrar na "vida" partiu de algum problema pessoal, com sua família...

Regina — Não. Fui pra Belém com 11 anos. Um dia estava indo para o colégio e ia passando o cara que eu gostava, eu namorava com ele, aí ele me chamou... ele era filho único, já tinha me procurado e eu não tinha aceito, né? Ele me chamou e tudo. Eu fui e aí aconteceu. Meu pai soube em Belém mesmo e não me quis mais em casa. As amigas me davam conselhos... diziam: que viver nessa vida era bom... Nesse tempo eu achava que não prestava essa vida, sabe? Mas aí, através de muitas amigas, eu fui...

Jonas — Você já gostou de alguém pra valer?

Regina — Já sim. O cara que gostei na minha vida tinha 48 anos. Ele morreu em novembro do ano passado. Ainda hoje penso muito nele. Posso brincar e tudo, mas não penso em outro homem.

Reginaldo — Diga aí como você define o amor, o gostar... O que é gostar pra você?

Regina — Ah! Isso eu não sei dizer, não!

Reginaldo — Você acha que existe amor?

Regina — Existe.

Reginaldo — A vida que você leva é amor?

Regina — Não. A vida que eu levo não é amor, não.

Wilton — O que você mais gosta em um homem?

Regina — Eu acho que... eu as vezes penso: não me casei ainda porque se meu marido sair pra algum lugar, eu vou atrás dele toda hora.

Wilton — Quando os homens vão para a cama contigo, eles te tratam de que maneira?

Regina — As vezes eles são carinhosos, mas eu vou mesmo só pra ganhar, porque não sinto um pingão de vontade de nada. Nunca fui por amor.

Reginaldo — Sabendo como é do que você vive, qual o tratamento que teus pais te dão?

Regina — No começo eles não aceitavam. Eles queriam me matar e tudo. Depois que comecei a ajudar... eles são muito pobres. Agora eu ajudo em casa. Eu já vou lá.

Reginaldo — Você acha que eles te aceitaram e admitiram o tipo de vida que você leva, pelo fato de ajudá-los financeiramente?

Regina — Não. Acho que é porque eles viram que eu não ia mesmo deixar a vida que levo.

Reginaldo — E no Ambiente que você mora, caso tivesse uma idade mais avançada, não tivesse a beleza que tem, a Madame lhe trataria da mesma maneira?

Regina — Eu não sei. Agora ela é muito legal comigo. Eu já quis sair de lá...

Reginaldo — Por que quis sair?

Regina — (Demora a responder) Por vontade, só.

Reginaldo — Você queria ir pra outro Ambiente? Pra onde você iria?

Regina — Ah! Essa eu não vou responder.

Reginaldo — Foi algum desentendimento com a Madame?

Regina — Não, a decisão foi só minha.

Eu não sei se só acontece comigo ou se acontece com vocês também. As vezes, quando amanhece o dia, a gente tem vontade de mudar daquela vida... partir pra outra... As vezes quando acordo, penso na vida que levo, choro e tudo... e penso em muitas coisas. Fico pensando em ser criança, aí eu não ia mais fazer aquilo, não ia morar em Ambiente. Eu sou muito humilhada. Quem vive assim, em Ambiente, é muito humilhada. Tem muito homem bom, mas têm muitos que gostam de humilhar a gente... dá na gente... eu pelo menos, já cansei de apanhar.

Wilton — Qual sua reação na hora que está apanhando? Você grita por alguém?

Regina — Eu só faço chorar. O homem sempre tem mais força que a mulher, né? Grito por alguém, mas houve uma vez que apanhei, gritei muitas vezes mas não veio ninguém. Outra vez o cara botou a mão na minha boca e sentou na minha barriga aí eu não podia gritar nem nada.

Reginaldo — Você já pensou por que o homem te maltrata?

Regina — É mais porque querem que eu faça sacanagem, e sacanagem não faço nem com a pessoa que gosto.

Reginaldo — Você acha natural ir pra cama sem gostar?

Regina — No começo, assim que fui pra Cabaré, que não conhecia nada, eu ia com qualquer um. Eu tinha até vergonha de tirar a roupa. Agora só vou com quem simpatico.

Jonas — Fez exame ginecológico alguma vez?

Regina — Não, nunca fui ao médico.

Jonas — E doença venérea, já teve alguma?

Regina — Já peguei uma, mas tomei umas injeções, comprei uns remédios...

Reginaldo — Já engravidou alguma vez?

Regina — Nunca engravidei. Tenho a maior vontade mas nunca... Um dos meus sonhos é ter um filho.

Jonas — Qual teu maior sonho?

Regina — É morar numa casa sozinha sem ninguém pra me perturbar.

Wilton — Morar sozinha pra ter tranquilidade ou pra receber seus amigos?

Regina — Onde moro posso receber meus amigos e tudo. Eu quero mesmo é tranquilidade.

Jonas — Você gostaria de trabalhar?

Regina — A coisa que eu mais queria mesmo. Queria trabalhar em Supermercado. Ser caixa.

Reginaldo — Você já trabalhou de doméstica?

Regina — Já, mas quando eu fui trabalhar eu já não era mais de nada.

Jonas — Gostaria de estudar?

Regina — Gostaria. Já tive oportunidade de estudar, mas... O problema é que não tenho mais. Tenho muita vergonha porque tem muita gente que me conhece...

Reginaldo — Que você acha do casamento? Levando essa vida que leva, acha que aparecerá algum homem que a ame, se dedique e confie em você?

Regina — Espero. Já arranjei muitos mas não gostava. Nem que seja pra morar em baixo de uma árvore, mas só caso se gostar mesmo.

Jonas — Como você acha que vai ser tua vida daqui há dez anos?

Regina — Penso muita coisa. Fica difícil de responder.

Jonas — Se você pudesse dar um grito de revolta para que a sociedade ouvisse, você diria o quê?

Regina — Eu não tenho revolta com a sociedade.

DELTA

Manteiga
Mussarela
Queijo prato
Doce de leite
Leite pasteurizado



Cooperativa Agropecuária de Parnaíba Ltda.
BR 343 - Km 4 Parnaíba - PI

Ditador da Moda

GERARDO ALVES DE ARAÚJO
E CIA' Ltda
Rua Marechal Deodoro, 822



XEROX

AS EMPRESAS E REPARTIÇÕES
EM GERAL:

XEROX A Cr\$ 50,00 A CÓPIA

PROCURE O
CAMPUS REIS VELOSO

FONE: 322-1823 - com MOZART

PENSE PARNAUTO

REVENDEDOR
AUTORIZADO
EM PARNAIBA



AV. PRINCESA ISABEL
Nº 150

INOVAÇÃO EM OFF-SET

Por S. Genuína

Desde a edição anterior que o Jornal Inovação é lançado pelo sistema off-set. Este empreendimento representa uma das maiores aberturas no campo do progresso que Parnaíba vem realizar-se em sua imprensa. É o primeiro jornal que circula na cidade em sistema moderno, colocando para trás o rudimentar método das seculares tipografias jornalísticas parnaibanas. O fato dá-se quando o Jornal Inovação entra em seu 7º. ano de existência e o aniversariante presenteia Parnaíba com prova de evolução, de visão e de progresso.

Sempre voltado para delatar acontecimentos que desvirtuam a boa índole do povo parnaibano ou que desrespeitam os direitos desse mesmo povo, o Jornal Inovação tem ao longo destes sete anos, sofrido o descaço de uns e a crítica impiedosa de outros. Mas, com o respaldo de um firme ideal e uma convicção patriótica e humana, retribui tudo com a "luva-de-seda" do pioneirismo e do modernismo.

Contudo, para que o parnaibano pudesse usufruir do benefício de um jornal em sistema atualizado, enfrentou o Inovação, as dificuldades que a liderança conservadora e negativista da cidade impõe aos de mente esclarecida e, com raça e otimismo, venceu o marasmo dos burocratas.

E assim é que, através do Inovação, Parnaíba recebe o seu primeiro jornal em off-set. As dificuldades foram vencidas. Foi-se buscar em outro Estado o que Parnaíba é ainda carente e, em Fortaleza operou-se o dinamismo, tendo em vista tão-somente, ajudar a cidade crescer.

Convém, contudo, lançar um apelo ao empresariado, para que com o apoio das propagandas, possa o jornal dar continuidade mensal ao seu empre-

endimento. As empresas parnaibanas precisam conscientizar-se do valor bilateral de um anúncio. Para o patrocinador representa dar-se por conhecido perante o povo, sem contar as regalias fiscais; para o jornal é o tônico sustentador de sua existência.

Mas, o tempo corre inexoravelmente, os fracos ficam ao longo de seu percurso e os fortes seguem em frente motivados pelo ideal de vencer e de crescer à luz do seu próprio futuro. Das quedas erguem-se com um novo viço de otimismo. Não deixam que as forças opressoras tolham o seu caminhar. Assim foi o Inovação: nas suas lides jornalísticas, esbarrou no conformismo de pessoas sem escrúpulos, tropeçou, caiu mas levantou-se com maior ânimo.

E o que foi feito anteriormente, ao longo dos sete anos de Inovação, representa o alicerce firme em que hoje o jornal se apoia, qual seja, a credibilidade do povo. Sim, sem o real crédito dos leitores, Inovação já não mais existiria, pois, foi justamente no leitor que o jornal sempre buscou o amparo e o motivo para sua existência. É daí portanto, que de parabéns está a cidade e o seu povo, por este progresso de Inovação que, sem qualquer vínculo partidário, defende os interesses do parnaibano, estendendo-se aos demais problemas brasileiros, com uma boa dose de esclarecimento, na crítica dos fatos, ao longo de sua caminhada. O jornal continuará em sua luta. As armas que tem para vender são justamente, o amor pela justiça, o ideal enraigado na boa vontade e no otimismo, a opção pelas causas do povo e a esperança de sentir e ver Parnaíba no apogeu, na liderança do progresso e na perspectiva de uma vida melhor.



a marretada é nossa

FALSA HISTÓRIA

SUBVENÇÃO

Atualmente a verba de subvenção social a que cada deputado tem direito, está orçada em 10 milhões de cruzeiros. O Piauí tem 9 deputados com assento na Câmara Federal. Sabem quantos ajudam nossos colégios, entidades de classe, instituições filantrópicas de nossa cidade? Nenhum! Pelo que constatamos, eles "querem se arrumar."

Numa cidade onde nada se questiona, seu povo passa a ser mero expectador de arbitrariedades, injustiças, abuso de poder e da falsa constituição dos fatos históricos envolvendo suas lutas, seus anseios e conquistas.

Assim é que, em Parnaíba, muitos "homenageados" não traduzem nossas verdadeiras aspirações e conquistas.

PARAIBA DEMITE

Inaugurado em agosto do ano passado, o Armazém Paraíba, empresa do Grupo João Claudino, vem se destacando no comércio local, em demissões e exploração da classe trabalhadora. Cerca de 33 empregados já foram demitidos no período de menos de seis meses.

Segundo depoimentos, um vendedor de eletrodomésticos "só tem direito a 1% do total das vendas do mês, isto é, terá de vender acima de 5 milhões para cobrir o salário mínimo". Em Teresina — declarou-nos um empregado da Matriz — a porcentagem é 0,8% porque vendem mais.

TRABALHO DE GRAÇA

Qualquer empregado do Armazém Paraíba é objeto de consumo — diz um demissionário. Além de trabalhar além do horário estabelecido por lei, não se recebe hora extra — desabafa outro demitido em visita a nossa redação.

Aos sábados, o horário da saída é 13 horas, mas na realidade, os empregados só saem às 17. Com as portas fechadas, a faxina é feita pelos empregados, sem qualquer direito a merenda ou mesmo um simples cafezinho.

Já no depósito, a situação não poderia ser melhor. Os montadores e marceneiros, muitas vezes, saem às 10 da noite.

MINISTÉRIO E SINDICATO

Pelo visto, o Ministério do Trabalho não vem exercendo sua função de fiscalizar e punir os infratores. Fazendo declarações que precisam ser confirmadas, o grupo de demissionários questionou o Ministério e o Sindicato dos Comerciantes. Um dos empregados (ainda não demitido) triste e sem qualquer segurança no que se refere a sua permanência na empresa disse que "tanto o Ministério quanto o Sindicato deveriam trabalhar para que estas e outras injustiças não mais se verificassem". Estes caras precisam entender e acordar, porque não somos bichos! — grita um dos acompanhantes também demitido dia 1º de janeiro.

HUMILHAÇÃO

O grupo de ex-empregados do Paraíba já é suficiente para fundar uma Associação. Durante a entrevista todos foram unânimes ao apontar o Sr. Osmar Gomes da Silva como uma "pessoa que humilha e trata a todos com arrogância e como objeto. Isso é porque faz parte dos Casais com Cristo!"

Ao final da visita, os demissionários solicitaram que pedíssemos às autoridades competentes, atenção especial na fiscalização dessas firmas ou empresas que escravizam a classe trabalhadora e enricam às custas da exploração e do arbítrio.

INCONFORMISMO



Circula a boca pequena que vários setores da comunidade não estão satisfeitos com a atuação pastoral de Dom Edvaldo Gonçalves Amaral (foto).

Cabe ao Bispo de Parnaíba responder a esses segmentos da sociedade com base no Direito Canônico ou em conformidade com sua visão de Igreja.

EL CABOTINO

O ex-deputado Francisco Moraes Souza (e como lhe dói esse ex), em sua coluna "Política Maior" (Jornal "A Ação" de 17/01/1984), deixa transparecer claramente sua frustração em não ser o titular de nenhuma Secretaria de Estado. Isto porque, megalomaniaco como é, ele se considera o mais ilustre, o mais inteligente e mais capaz dos filhos de Parnaíba (só de Parnaíba?). Também deixa entrever, no supra citado artigo, sua cultura de almanaque, ledor contumaz que é de orelha de livros, de prefácios curtos e ouvindo comentários sobre livros. É, ainda, assíduo freqüentador de dicionários de citações e frases célebres, para "encher linguíças" em seus artigos e falações, com a finalidade de arrotar um conhecimento que, na verdade, está longe de possuir. O ex-deputado Mão Sã(ta) deveria resumir suas leituras aos livros de medicina, na tentativa de superar sua defasagem profissional. E não nos queira mal: isto é um conselho, pelo qual deveríamos ser pagos.



CAFÉ JOTAMELLO